

DIÁRIO DE VIAGEM

À PROCURA DE SEFARAD NA ESTREMADURA: DIÁRIO DE UMA VIAGEM PELAS JUDIARIAS ESTREMENHAS

Carmelo Jordá



CAMINHOS DE
SEFARAD
RED DE JUDERÍAS DE ESPAÑA

#DescubreSefarad

WWW.REDJUDERIAS.ORG



Carmelo Jordá

Carmelo Jordá vive em Madrid, cidade onde nasceu. É jornalista, amante das viagens e da fotografia. Escreve sobre viagens há mais de 20 anos, publicou centenas de artigos em vários meios de comunicação e colabora frequentemente em programas de viagens e turismo. Também se dedica de forma habitual a escrever sobre política nacional e internacional ou economia para Libertad Digital e participa em tertúlias políticas, sobretudo na esRadio. Em 2021 publicou o seu livro “Lugares generalmente distantes”, no qual descreve lugares com significado na sua vida, que o marcaram ou onde experimentou algo e para onde convida o leitor a viajar.

Diário de Viagem. À procura de Sefarad na Estremadura: Diário de viagem pelas judiarias estremenas.
Edita: Red de Juderías de España. Plaza de Maimónides, s/n. 14004 Córdoba (España), www.redjuderias.org.
Todos os direitos reservados.

DIÁRIO DE VIAGEM

À PROCURA DE SEFARAD NA ESTREMADURA: DIÁRIO DE UMA VIAGEM PELAS JUDIARIAS ESTREMENHAS

Carmelo Jordá

Gosto de viagens com um conteúdo histórico e também gosto de viajar em torno de um fio condutor, uma ideia ou uma busca que dê um sentido extra ao conhecimento de um destino, ou que permita regressar ao mesmo local, mas que agora seja diferente.

A minha viagem pelas judiarias da Estremadura preenche os dois requisitos - em cidades e paisagens onde já estive - mas que espero que me ofereçam agora uma face e um olhar distinto, ao caminhar nos passos de um passado distante, de uma história que já passou há muito, mas que quero acreditar que ainda está presente. Quanto? É isso que vou descobrir ao longo dos próximos quatro dias. À procura de Sefarad na Estremadura: diário de uma viagem pelas judiarias estremenas.



DE MADRID A CÁCERES

Saí cedo de Madrid para aproveitar pelo menos parte da manhã, e Cáceres recebe-me com um radiante e implacável sol de Verão. Deixo as minhas coisas no hotel NH Collection Palacio de Oquendo, perfeito para conhecer a cidade - fica apenas a alguns passos da Praça Mayor - e para se sentir nela: algo que me parece impossível de um edifício de cimento e vidro, e que é o natural num belíssimo palácio de pedra do século XVI.

Depois, percorro uma vez mais a Cáceres “velha” que se esconde atrás da muralha, monumental, impressionante; não há rua que não seja bela, não há canto que não mereça uma fotografia. Para minha surpresa - somos muito poucos os que desafiamos o calor do meio-dia, e posso subir e descer as encostas praticamente só, um privilégio raro neste mundo em que, felizmente, viajar já não é um luxo para poucos.

A judiaria de Cáceres ficava do outro lado da cidade amuralhada, mas prefiro não percorrê-la agora: fá-lo-ei à tarde acompanhado por Milagros, uma das guias oficiais, gosto de passear com ela pelas ruas do Bairro de San Antón, porque posso rapidamente detetar que ela sente a mesma empatia e admiração que eu sinto por aquelas famílias que um dia tiveram de deixar tudo para trás, exceto a memória. Uma memória que agora também é nossa.

“
A maior parte da judiaria reúne-se em redor da Ermida de San Antón, um templo modesto como modesta seria a sinagoga que ocupou aquele lugar, e como modestas eram as próprias entradas da judiaria, quer através da muralha na Porta del Río, quer através de vielas extraordinariamente estreitas.

”
O bairro de San Antón é completamente diferente do resto da Cáceres monumental: a pedra exposta foi substituída por cal; os palácios deram lugar a casas muito mais modestas, quase todas com um ou, no máximo, dois pisos; as ruas são ainda mais íngremes e as encostas não têm outra alternativa senão converter-se em escadas recônditas e curvilíneas...

Embora vivessem judeus noutras partes de Cáceres - por exemplo, na zona das escadas que hoje em dia levam ao Arco de la Estrella - a maior parte da judiaria reúne-se em redor da Ermida de San Antón, um templo modesto como modesta seria a sinagoga que ocupou aquele lugar, e como modestas eram as próprias entradas da judiaria, quer através da muralha na Porta del Río, quer através de vielas extraordinariamente estreitas, como a de Don Álvaro, pela qual o viajante ainda pode intuir as idas e vindas daqueles Cacerenhos de famílias judaicas que se tinham estabelecido na parte mais pobre e afastada do recinto amuralhado, que viviam nas casas mais pequenas, que se poderia dizer que preferiam não ser vistos.

Ao pôr-do-sol volto à Cáceres monumental e à Cáceres que foi judia e que, na luz ténue dos candeeiros de rua, parecem ainda mais distantes, mais antigas, mais irreais, apesar da realidade incontestável das ruas, dos palácios e das casas. Se há um momento em que o viajante pode aproximar-se desse passado espiritualmente, ou mentalmente, ou com a imaginação, é à noite, entre as sombras.



CÁCERES E PLASENCIA

No meu segundo dia na cidade aproveito o sol da manhã para regressar à judiaria velha e aproveito também a frescura da manhã para descansar um pouco no Olivar de la Judería, um pequeno jardim ao pé da muralha situado, dizem, no que outrora foi o horto de uma antiga casa judaica.

Não sei se será certo ou não, neste passado judeu do lugar - poderia sê-lo pela sua localização perto da judiaria - mas hoje em dia, é sem dúvida um dos recantos mais sossegados da zona monumental, debaixo das sombras da muralha e das velhas oliveiras, sem outros visitantes a não ser um jovem casal de namorados e um jornalista que procura o passado em vez do presente.

A manhã serve-me também para visitar a segunda judiaria Cáceres. Extramuros, do outro lado da Praça Mayor e em redor de uma sinagoga que estava na que é hoje a rua de la Cruz, um nome muito comum para lugares onde, como aqui, desde 1492 quis-se apagar essa parte desconfortável do passado.

Nesta segunda judiaria, os vestígios são ainda mais débeis. Não em vão, foi na realidade um estabelecimento muito provisório após uma expulsão inicial do recinto amuralhado, alguns anos apenas, antes da expulsão definitiva.

Um ciclo de expulsões e realocações que irei descobrir em praticamente todas as paragens da minha viagem. Assim foi também em Plasencia, onde, ao contrário de Cáceres, é a segunda judiaria a mais evocativa, com a primeira enterrada sob a imponente do Convento de Santo Domingo, que hoje é o Parador de Turismo.

Nesta segunda paragem tenho a sorte de hospedar-me no Palácio Carvajal Girón, que não só é um hotel belíssimo num palácio espetacular do século XVI, como também ocupa o mesmo local onde foi construída a Sinagoga Nova.

Junto a ela, em duas ruas que ainda hoje serpenteiam em direção ao centro da cidade - a Trujillo e a Rúa Zapatería - estabeleceram-se os judeus de Plasencia quando foram expulsos da primeira zona, um pouco mais isolada, novamente na orla da muralha.

“

Em Plasencia onde, ao contrário de Cáceres, é a segunda judiaria a mais evocativa, com a primeira enterrada sob a imponente do Convento de Santo Domingo, que hoje é o Parador de Turismo.

”

Yuçe Alaçán, Abraham Almale, Yuçe Caçes, o filho de Beroha que se chamava Samuel... umas placas no chão lembram-nos o local exato onde se situavam algumas das casas dos judeus de Plasencia, uma ligação que viaja mais de cinco séculos atrás no tempo, mas que se mantém exatamente nesse espaço, naquele metro específico da rua íngreme.

Com certeza que Yuçe, Abraham e os demais teriam preferido não ter de partir, mas, também é certo que como aquelas famílias que durante séculos mantiveram a memória de Sefarad vivendo a milhares de quilómetros de distância, se teriam emocionado ao ver que a sua casa antiga e eles próprios ainda são recordados.

O segundo dia da minha viagem pelas judiarias estremenhas vai terminar com um jantar muito especial na Casa Juan, um dos melhores restaurantes de Plasencia e o único que me oferece exatamente o que a minha rota exige: um menu sefardita.

Estou acompanhado por Juan e Isabel, os proprietários e verdadeiras almas do lugar, que me contam como começaram a fazer menus sefarditas em dias especiais durante uma semana de fevereiro, e como a iniciativa teve tanto sucesso que alguns pratos permanecem na ementa durante o resto do ano.

Para além disso, se se encomendar com antecedência, pode degustar o seu próprio menu em qualquer altura, com base e inspiração na comida que os próprios judeus de Plasencia comiam há séculos atrás. Aquele que saboreio eu, é um autêntico e abundante deleite com pratos espetaculares como o mil folhas de pimento com anchovas e doce de tomate, o borrego confitado com cuscuz ou os deliciosos latkes de maçã, o toque doce com que fechamos o jantar sumptuoso.

A Casa Juan fica na rua - que também poderia ser ruela - Arenillas, um dos recantos mais bonitos da judiaria. Jantar no terraço ao fresco do Verão, recordando e apreciando a cozinha sefardita e nesse lugar tão especial é, sem dúvida, uma experiência inesquecível para qualquer viajante mas ainda mais para aqueles de nós que procuram essa ligação com o passado.

“

Pode degustar o seu próprio menu com base e inspiração na comida que os próprios judeus de Plasencia comiam há séculos atrás. Aquele que saboreio eu, é um autêntico e abundante deleite com pratos espetaculares como o mil folhas de pimento com anchovas e doce de tomate, o borrego confitado com cuscuz ou os deliciosos latkes de maçã”.

”





PLASENCIA E HERVÁS

Embora lamente deixar o meu quarto no Palácio Carvajal Girón, tomo o pequeno-almoço cedo para poder visitar um dos lugares mais especiais da minha viagem: o cemitério judeu que Plasencia ainda conserva.

Fora da muralha, na encosta rochosa de uma colina que ainda permanece deste lado do rio, o sol da manhã ergue-se rápido e forte para iluminar com dureza os velhos túmulos - já vazios, obviamente - escavados na pedra.

Ainda que a informação disponível não seja muita, os pequenos túmulos parecem contar-nos uma história: a dessa comunidade que se afasta da cidade para enterrar os seus entes queridos quase em segredo, em buracos feitos, como de urgência, na pedra dura, sem muita ornamentação e sem grande alarido.

Quer o meu devaneio algo triste seja ou não verdadeiro, o cemitério judeu de Plasencia é um daqueles poucos lugares que, mais de 500 anos depois, transmitem essa estranha sensação que se tem ao saber exatamente o que aconteceu ali através de um oceano de séculos, de tempo e acontecimentos que se foram acumulando desde então.

Saboreando esse momento, conduzo em direção a Hervás. Apenas meia hora me separa da terceira e última etapa da minha viagem, mas à minha chegada a paisagem é muito diferente: mais montanhosa, num vale mais estreito, entre grandes florestas de castanheiros.

Ao contrário de Cáceres - uma capital provincial - e Plasencia - uma cidade, ainda que pequena - Hervás é uma cidade grande que, isso sim, tem nela coisas extraordinárias. A sua judiaria fala-nos de outras judiarias mais pequenas, mais rurais, de uma fase diferente na história dos judeus de Sefarad.

Um alojamento ideal para conhecer Hervás é a Hospedería Valle del Ambroz, onde me dirijo para resguardar-me do calor do meio-dia - um pouco menos, agora que estou nas montanhas- e experimentar a sua cozinha excelente, a um preço muito razoável.

Repostas as forças, dirijo-me ao belíssimo bairro medieval da cidade, sem dúvida um dos mais bonitos de Espanha, uma joia que felizmente chegou aos nossos dias num estado de conservação invulgar. Ali, sobretudo em redor da rua Rabilero, existia uma judiaria cujos sinais ainda hoje são nítidos e que Hervás soube recordar e reivindicar com homenagens valiosas, como a criação da rua da Amizade Judaico-Cristã (Amistad Judeo Cristiana), que atravessa esta zona medieval cheia de símbolos como as Cruzes de David ou as belas menorás.

Caminho lentamente por este centro histórico, tão evocativo que chega a ser emocionante. Tiro muitas fotografias e subo e desço pelas ruas inclinadas seguindo o seu traçado irregular, desde a zona próxima à praça no limite da povoação, marcada pelo rio Ambroz sobre o qual se ergue com a sua graça medieval, a ponte da la Fuente Chiquita.

“

Em redor da rua Rabilero, existia uma judiaria cujos sinais ainda hoje são nítidos e que Hervás soube recordar e reivindicar com homenagens valiosas, como a criação da rua da Amizade Judaico-Cristã (Amistad Judeo Cristiana).

”

Do outro lado do rio, um miradouro oferece uma das vistas mais conhecidas e formosas de Hervás, que surpreende e maravilha, apesar de já a ter visto em tantas fotografias às que não resisto adicionar as minhas.

Já pela noite, aproveitando o privilégio do Verão e da queda das temperaturas, junto-me a uma das visitas turísticas organizadas e realizadas por Marciano de Hervás, o maior especialista na história sefardita da região e um guia divertido e instrutivo em partes iguais, com quem se pode rir e aprender em grande detalhe a história dos judeus de Hervás, a expulsão de muitos, o regresso de alguns e o que implicou a sociedade dividida entre cristãos velhos e cristãos novos que surgiu após 1492.

É o meu último dia de viagem e vou começar da forma mais doce: conhecer Abigail Cohen, a proprietária de La Candela, uma pastelaria em Hervás que se dedica à produção de pastelaria judaica, baseando-se em receitas sefarditas antigas que aprendeu com a sua avó, a qual, seguramente, foi ensinada pela sua avó e, assim por diante, a saber até quantas gerações atrás.

Abigail é uma mulher encantadora. Sentamo-nos na sala das traseiras e falamos sobre Israel - um país que ambos amamos e no qual ela nasceu -, sobre mil coisas diferentes e, sobretudo, sobre as peripécias que a trouxeram de tão longe para Hervás. E conta-me também do amor que põe no seu trabalho, do esforço para respeitar as receitas e inclusivamente da dificuldade em encontrar os fornecedores para ter as melhores matérias-primas com as quais elaborar essas receitas.

“

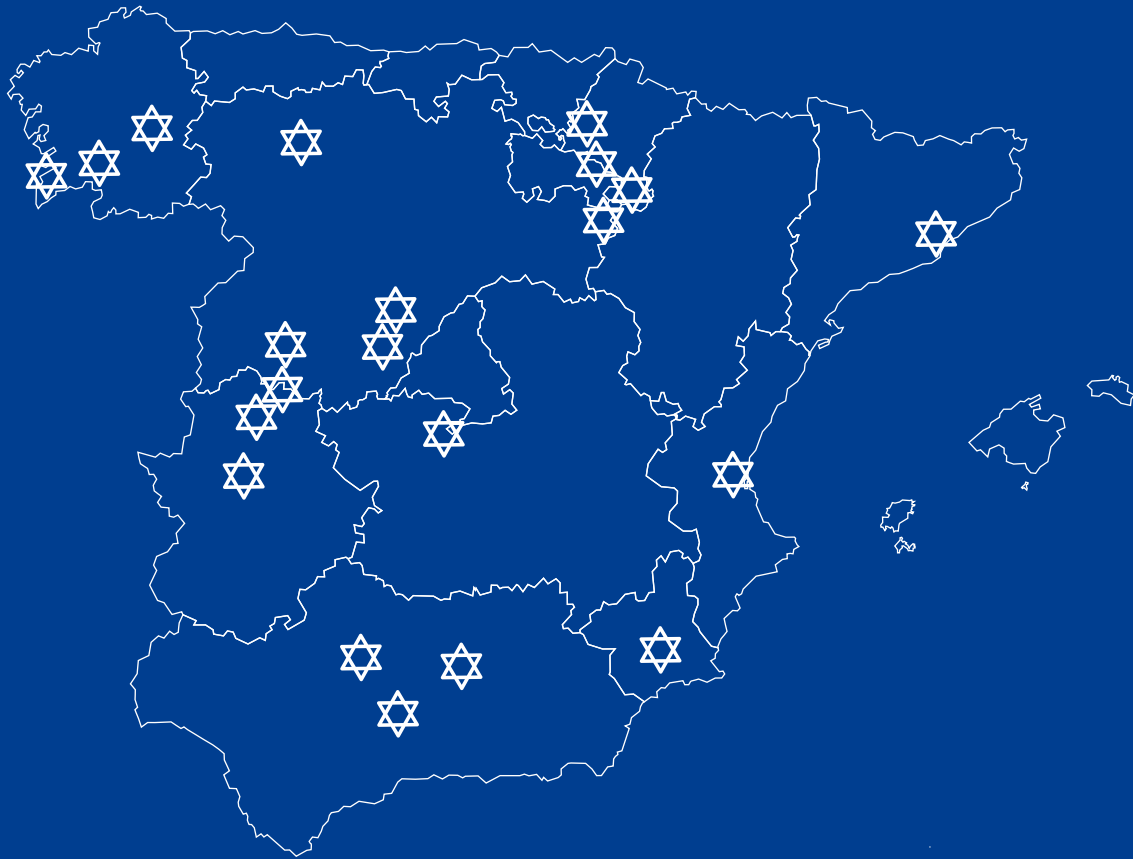
Marciano de Hervás, o maior especialista na história sefardita da região e um guia divertido e instrutivo em partes iguais, com quem se pode rir e aprender em grande detalhe a história dos judeus de Hervás, a expulsão de muitos, o regresso de alguns e o que implicou a sociedade dividida entre cristãos velhos e cristãos novos que surgiu após 1492.

”

Esclarece-me que não estava à procura das suas raízes ou algo parecido, “só viemos aqui de visita, adorámos e decidimos mudar-nos”. Mas encontrou em Hervás um lugar onde é feliz e onde, de certa forma, honra o passado, embora não intencionalmente, e através de algo tão aparentemente banal como receitas velhíssimas e alguns pastéis absolutamente deliciosos que não pode deixar de levar consigo se visitar a povoação.

Restam-me algumas horas e não posso deixar de dar mais um passeio pela velha judiaria, apreciando a arquitetura popular belíssima, procurando outra luz para tirar outras fotos... há tantas fotos em Hervás! Mas finalmente fico sem tempo e há que regressar a casa. Foram quatro dias de viagem como os que gosto: com um fio condutor, com um conteúdo histórico, à procura de um passado tão distante que é quase milagroso que ainda seja possível encontrar os seus vestígios. Mas é; em lugares como Cáceres, Plasencia ou Hervás, é.





ÁVILA . BARCELONA . BÉJAR . CÁCERES . CALAHORRA . CÓRDOBA .
ESTELLA-LIZARRA . HERVÁS . JAÉN . LEÓN . LORCA . LUCENA . MONFORTE
DE LEMOS . PLASENCIA . RIBADAVIA . SAGUNTO . SEGOVIA . TARAZONA .
TOLEDO . TUDELA . TUI



CAMINHOS DE
SEFARAD
RED DE JUDERÍAS DE ESPAÑA

redjuderias.org
descubresefarad.com
descubridores@redjuderias.org

